

A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 35\$00 - Estrangeiro 75\$00 * ANO XXIII - N.º 432 - Melgaço, 1 de Setembro de 1969 * Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Telef. 22455 - Braga

"Trata-se do Sr. Padre Justino,"

Foi esta a frase que ouvimos a muitas das pessoas que tiveram a felicidade de tomar parte na homenagem ao querido pároco da Vila de Melgaço. Só ele foi capaz de atraír até os mais cépticos.

Originário de Parada do Monte e habituado ao contacto com a natureza, que adora, o Sr. P.º Justino viu, muitas vezes, como as flores lindas da serra escondidas entre a urze e o tojo, a amenizarmos e a perfumarmos. Quer-nos parecer que essa vivência a transplantou ele para a sua vida de padre: procurou e procura ser como essas florinhas simples e apagadas, mas tão úteis para a harmonia do todo. Também o Sr. P.º Justino, no seu apagamento e humildade verdadeiros procura amenizar as agruras da vida dos seus paroquianos e de todos os que com ele contactam, já que a todos infunde um sentimento de amizade, de compreensão e de carinho.

Vive num desapego total e na linha que o Vaticano II traçou e que ele seguia desde há muito.

A função paroquial tem nele um lídimo representante, que a enobrecer e lhe ajuda a dar verdadeiro sentido.

Amigo de todos. Incapaz de recusar seja o que fôr, mas intrínseco e intolerante com quem desvirtua a verdade dos factos ou pretenda, injustamente, aniquilar as pessoas. Bem se lhe pode aplicar o provérbio: «Amicus Plato, sed magis amica veritas», isto é: «amigo é Platão, mas mais amiga ainda é a verdade».

É congruente consigo mesmo, tanto no que diz, como no que pratica; é despretensioso e *verdadeiramente interessado* em servir os seus fiéis e o bem público e particular de quantos se lhe dirigem.

O Sr. P.º Justino é um homem integral; sempre igual a si próprio e incapaz de andar ao sabor das ondas e das conveniências. É extremamente compreensivo e sabe perdoar as fraquezas dos que o rodeiam. É um homem completo e, porque o é de facto, o sacerdócio tem nele uma realização plena e perfeita.

Em 11 de Julho festejou o 33.º aniversário da Missa Nova; em 15 de Agosto os vinte e cinco anos de pároco de Melgaço. O santinho que distribuiu como lembrança de tal acontecimento é bem significativo. No seu tom despretensioso e simples é mais uma clara prova do «Bom Pastor» que ele é.

Foi pena que, dada a circunstância de haver uma Missa Nova no mesmo dia e de ser tempo de praia, não se tenha prestado aquela homenagem completa que ele merece tão dignamente. Muitos outros a tiveram mais numerosa, e sabemos ser do desejo de muitos e muitos melgacenses que se lhe preste uma condigna homenagem em que possam participar todos os que, de facto, desejam homenagear o pároco da Vila de Melgaço e exemplo do clero do Concelho.

Bem o merece. «Trata-se do Sr. Padre Justino».
Bem haja e que o possamos ver entre nós por dilatados anos!

S. V.

Movimento Escolar

Em complemento do aqui escrito em 1 de Agosto, e enquanto esperamos a gentileza de uma resposta ao nosso pedido, vamos informar hoje os leitores sobre os resultados do 5.º ano lectivo 1967-1968 do Externato Liceal de Melgaço.

O 5.º ano é para a avaliação do nível, sabor e progresso dum estabelecimento de ensino, o que o coração é para o corpo humano.

Foi por pura casualidade que os dados nos vieram às mãos, com todas as garantias de verdade e autenticidade. Temos, inclusivamente, os nomes dos respectivos alunos e o Liceu em que prestaram provas. São dois esses liceus de que temos elementos: Viana e Braga.

Apresentamos, seguidamente, os respectivos resultados

(Continua na 4.ª página)

Pelo HOSPITAL

**Cumprindo a sua missão...
O 1.º do Distrito...
Admissão de novos irmãos...
A Mesa e os Srs. Médicos...
Sr. Dr. Esteves...**

Dentro da sua pobreza, o nosso Hospital vai cumprindo a sua missão cabalmente.

Tudo se fez e fará para que ele possa corresponder, no momento próprio ao desejo de todos aqueles que o procuram. Sobretudo que os pobres da nossa terra, tenham ali a sua entrada assegurada e o seu tratamento eficaz.

Para isso se exige, sobretudo, que o Banco possa acudir prontamente às primeiras necessidades; que a Materni-

dade receba prontamente as parturientes que a procuram e se lhes assegure o carinho, o cuidado e a técnica eficazes e que as enfermarias funcionem normalmente. E tudo isto o melhor que for possível.

Da nossa parte não temos faltado com nada. E, pelo que sabemos, é, neste particular, o nosso hospital o primeiro do distrito que tem uma ambulância própria, para levar imediatamente os doentes que assim o desejarem, aos hospitais centrais.

Quando o sr. Director Clínico ou o seu substituto, vêm que há necessidade de transportar um doente, e com urgência, aos hospitais regionais, ele tem de seguir imediatamente, pois muitas vezes é a vida de doente que se salva. Isso se tem feito. Estamos pois na boa linha de trabalho e de rendimento.

Nesses hospitais, há outra aparelhagem e outros serviços especializados. Não temos ainda motorista privativo o que muito nos incomoda, mas parece que brevemente se irá resolver esse caso.

Admissão de novos irmãos — Embora dentro das boas regras estatutárias, tem havido alguma demora na admissão de novos irmãos, porque nem todos os candidatos residiram sempre em Melgaço e é natural que tardem as informações. Entretanto, devemos ao Sr. Doutor Esteves uma palavra de agradecimento, pois, duma só vez, apresentou 23 candidatos e tem sido compreensivo, esperando o tempo que fizer falta.

A Mesa e os Srs. Médicos — Para conhecimento de todos, se transcreve o ofício seguinte:

Ex.º Sr. Doutor
António Cândido Esteves
Melgaço

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que, para dar cumprimento

(Continua na 4.ª pag.)

Missas Novas

Melgaço, terra apodada como fria por aqueles que a não conhecem, tem este ano a dita de quatro novos padres. São eles os rev.ºs Aladino Rodrigues, de Castro Laboreiro; Manuel Rui de Castro Alves, de Rouças; Manuel Joaquim de Sousa Lobato, de Paços; e Júlio Nepomuceno Vaz, de Rouças.

Os três primeiros já celebraram as suas missas novas. Já falámos, inclusivamente, da Missa Nova do Sr. Padre Lobato, de Paços, que foi destinado a professor e prefeito do Seminário.

Hoje queremos falar das Missas Novas do Sr. P.º Rui, destinado a Vigário Coopera-

dor da Sé Primaz de Braga e do P.º Aladino, que foi nomeado pároco de Lindoso.

O P.º Rui aproveitou o próprio dia da ordenação para celebrar a sua Missa Nova, também na Sé Primaz. O almoço foi logo seguido à ordenação e, no final, celebrou missa para os que passam a ser seus paroquianos. Esteve também uma nutrida representação da freguesia de Rouças, donde ele é natural. Tudo decorreu com elevação e com brio e foram muitas as pessoas que brindaram pelas prosperidades do novo sacerdote. Ele mesmo quis agradecer publicamente ao sr. Arcipreste toda a ajuda pres-

(Continua na 4.ª página)

DA SECRETARIA ARQUIEPISCOPAL

(Aos Rev.ºs Párocos)

Rev.º Sr. Senhor:

Tendo chegado ao nosso conhecimento que a pretexto e por ocasião de festas religiosas promovidas ultimamente em honra de S. João Baptista, na freguesia de Longos Vales, e em honra de São Bento, na freguesia da Bela, ambas do arcebispo de Monção, actuaram os chamados «conjuntos

(Continua na 4.ª página)

«MEMORIAL»

Dada a sua extensão e a falta de espaço, não nos é possível transcrever, neste número, o memorial apresentado ao Sr. Ministro das Obras Públicas, pelo Sr. Presidente da Câmara de Melgaço.



O Padre ALADINO com os sacerdotes que tomaram parte na sua Missa Nova

Aos nossos prezados Assinantes

Vamos proceder à cobrança das assinaturas de «A Voz de Melgaço», mas agradecemos que nos trouxessem ao nosso cobrador, na vila, as respectivas importâncias.

Era um grande favor.

A DIRECÇÃO

CONVERSANDO

À Saída da Missa

— Ó compadre, então lá caiu o franco!

— É verdade! Muita gente se admirava já como é que ele ia resistindo, desde o ano passado... Mas agora o senhor Pompidou não esteve com meias medidas: desvalorizou-o em cerca de 12%!

— E isso parece-lhe coisa boa, compadre?!

— Coisa boa não é. Moeda desvalorizada é sempre sinal de finanças arruinadas. Além disso, quando uma moeda se desvaloriza, só os cofres do Estado é que lucram, mas um pouco à custa dos particulares que são sempre os grandes prejudicados...

— Mas isso parece-se a modos que com um roubo!...

— Chama-lhe lá o que quiseres... Lá que muita gente é prejudicada nos seus interesses disso não tenhas dúvida! Para já, os mais prejudicados são os nossos emigrantes que em França têm o seu ganho-pão.

— Prejudicados em quê?!

— Não é nada: muitos vi-os eu a chorar, no dia em que se anunciou a desvalorização do franco, quando iam para trocar o dinheiro que traziam de França: ninguém lhes dava um chave pelas notas que traziam nas carteiras... Depois, quando o Banco de Portugal anunciou a cotação do franco, verificou-se que tinham perdido quase de tostões em cada franco. Imagina agora o prejuízo para quem trazia milhares de francos...

— Estou a ver, compadre!

— Outro grande prejuízo para nós é a redução que forçosamente se eh-tá de verificar na afluência de turistas franceses ao nosso país!

— Menos turistras?! Mas que tem isso que ve com a desvalorização do franco?!

— Tem muito! Tu vês que o franco desvalorizado tem menos poder de compra. Por isso, um turista que dantes fazia a vida com dois mil francos tem agora que gastar dois mil e quinhentos ou três mil. Assim, é natural que muitos se encolham, sobretudo se não forem muito abonados...

— Nunca pensei que trouxesse assim tantos prejuízos a simples desvalorização da moeda...

— Mas há mais! Os próprio, s franceses hão-de ser prejudicados, porque não pode impedir-se que, valendo o franco menos, os comerciantes tentem subir os preços, o que traz logo uma elevação do custo de vida.

Isto, por mais voltas que lhe dêem!

— E ficamos por aí, compadre?!

— Não. Há outros prejudicados, mas esses é bem feito que o sejam!

— Então?

— São alguns dos nossos ricos anti-patriotas que, na mira de juros elevados, colocaram os seus capitais em bancos franceses. Esses levam agora um quinqué de respeito, para verem se têm juízo! De repente, quando pensavam que tinham milhares de francos que valiam milhares de escudos, verificam que continuam a ter os mesmos milhares de francos que valem menos milhares de escudos...

— Chucha, que é cana doce!

— Por aqui já tu vês que são muitos os prejudicados com a desvalorização do franco!

— Mas em suma, compadre, se são assim tantos os males, por que razão é que o senhor Pompidou desvalorizou a moeda?!

— Ele é um espertalhão! Como o franco vale menos, os franceses são obrigados a ser mais poupados, a contentarem-se com a prata da casa, a gastar menos dinheiro, numa palavra. Isso evita a saída de divisas do país, diminuindo consideravelmente as importações. Além disso, como o franco vale menos, os estrangeiros são tentados a procurar os mercados franceses o que se traduz, naturalmente, num aumento das exportações.

— E que me diz à nossa moeda, compadre?!

— Felizmente a cotação do escudo mantém-se inalterável, há muitos anos, o que diz bem da estabilidade da nossa economia. E que Nosso Senhor nos conserve assim, iguais a nós mesmos, compadre!

Vendem-se

Três campos de rega e um de seca, próprio para construção, na estrada da Lodeira — Monção.

Informa «Notícias de Monção».

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

De Prado

Com o fim de apreciar esta tão linda terra, mas que os viu nascer, outros que desde que cá vieram pela primeira vez, não podem deixar de nos visitar, visto ser nesta terra que se encontram felizes. É aqui que se respira ares purísimos, águas cristalinas, águas minerais de Melgaço, onde se observam inúmeros hóspedes instalados nos Hotéis e Pensões, não só para fazer as suas curas como também admirar tudo que, exposto em anfiteatro, se observa neste lindo concheiro do alto Minho, que a natureza nos dotou.

— Do Porto regressaram para a sua vivenda da Quinta da Serra, o sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro e esposa D. Maria Amélia Vaz Pinheiro, a fim de gozar férias; vieram o sr. professor Alfredo Peixoto de Almeida e esposa D. Maria Edite Nartécia Pinheiro de Almeida; e Dr. Filinto Eliso de Almeida e esposa.

— De Lisboa vieram, o sr. Manuel Monteiro, esposa e filhos; Manuel Esteves, esposa e filha; António Joaquim Gonçalves, esposa e filho, e filho do nosso assinante Lindolfo Gonçalves, da Casa da Corredoura; Dionísio dos Santos e sua esposa D. Maria Pinheiro dos Santos; e José Augusto Barbeitos e esposa.

— De Lourenço Marques, Henrique Pinheiro e esposa.

— De França, António Freitas e outros.

Todas as pessoas aqui mencionadas deram-me o prazer de cumprimentar este correspondente na sua residência, tendo-me pedido para continuar a escrever, para lá longe, terem conhecimento das maravilhas deste vale do alto Minho, cheio de encantos. — M.S.

De Paços

Falecimento — Depois de ter falecido em Cavaleiros, Rouças, vieram a enterrar nesta freguesia, em 25 do mês passado, os restos mortais da sr.^a Deolinda Douteiro, natural de (Vodeco) Beleco, mãe extrema do sr. Armando Gonçalves, funcionário da R. de Finanças, deste concheiro.

Paz à sua alma, e pêsames a sua família enlutada.

Casamento — Consorciaram-se há dias, a menina Maria da Conceição Pires, de Sá, e António T. Pereira.

Os nossos parabéns.

— Seguiu para França, António O. Ferreira, esposa e filha, do lugar de Sá.

— Encontram-se em Vila Praia de Ancora, a sr.^a Júlia Crispim, sua filha Judite Mendes, seu marido e filhos. — C.

8.800 CONTOS

distribuídos pela

Casa da Sorte

EM 2 SEMANAS SEGUIDAS

16 - 8 - 969

SORTE GRANDE — 34559 - 4.000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 13903 - 400 CONTOS

22 - 8 - 969

SORTE GRANDE — 45638 - 4.000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 24905 - 400 CONTOS

É assim a Sorte da

Casa da Sorte

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

De Castro Laboreiro

Electrificação — Estão bastante adiantados os trabalhos da baixa tensão para a electrificação desta freguesia (1.ª fase) e dentro de alguns dias deve chegar uma outra brigada para começar os trabalhos da alta tensão.

Pequeno desastre de viação — Há dias quando o sr. Manuel Novo, proprietário da ourivesaria «Coimbra», em Melgaço, seguia no seu automóvel, de Castro Laboreiro para aquela vila, ao fazer ultrapassagem de um gado que caminhava solto ao longo da Estrada Nacional, foi embater num dos animais por este se ter atravessado na estrada. Do embate não resultou mais do que uns pequenos prejuízos materiais no carro.

Ainda há gente boa... — Há dias, o sr. Eduardo Dinis Galhofo, Guarda Fiscal nesta vila, entrou no café «Castrejo» do qual é proprietário o nosso amigo sr. José Joaquim Esteves (Covelo), tomou um café, pagou e meteu o porta-moedas num dos bolsos das calças com uns 400\$00 e, por não ter entrado bem no bolso caiu-lhe no chão sem que tivesse dado

Parada do Monte

25/8

Uma boa notícia — Temos a informar os nossos leitores de que a estrada do lado de cá do rio Moura, já principiou no dia 18, e a ponte também já foi empreitada, mas essa só será feita para o ano.

Festa de S. Mamede — Foi no dia 17 de Agosto, que se realizou a festa em honra deste glorioso santo; e Padroeiro desta freguesia. A missa principiou às 11 horas, a grande instrumental, pela Banda dos Cadetes de Tangil, sendo orador o sr. P.^o de Barbeita, que muito agradou. No fim da

(Continua na 4.ª página)

por isso. O filho do proprietário, Norberto Esteves, quando arrumou as cadeiras encontrou-o e deu conta dele ao seu dono, no dia seguinte, que ao dar pela sua falta não conseguiu dormir. O caso não era para menos...

Estrada das Coriscadas — Já cá chegou o empreiteiro com o seu pessoal que vai proceder ao empedramento de um troço daquela artéria camarária. — C.

Renovamos a cada dia a nossa tradição de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

PINTO DE MAGALHÃES

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Reparo a "A minha resposta ao reparo feito à

Nota da Redacção,,

Diz o senhor doutor Abel Vaz, referindo-se a mim, e textualmente: «Portm, temos frente aos nossos olhos uma carta sua, onde expressamente confessa que o próprio mecânico que arranjou o carro lhe confidenciou que não levava nada pela reparação, que tinha sido feita gratuitamente».

A minha resposta: Nunca escrevi carta alguma ao sr. dr. Abel Vaz. Como pode, pois,

tê-la diante dos seus olhos? Não se pode ver o que não existe. Sr. dr. Abel, é feio...

Defenda-se, publicando a dita carta. Está autorizado. É um gesto de lealdade para consigo, adversário «sem rancor».

A resposta ao seu arrazoado fastidioso e prolixo aguarda a publicação da dita carta.

P. S. — Podemos informar que foi o senhor doutor Abel Vaz o «doutor de Melgaço» que em 27-XI-1968, esbarrou o seu carro contra um camião, em Viana do Castelo. Negligência ou imperícia? Ou negligência e imperícia?

Informamos também que o mesmo doutor, na recepção ao senhor Governador Civil, embateu com o seu no carro do amigo senhor Professor José Augusto Lourenço, talvez por andarem muito juntos.

Não houve ferimentos. Parabéns. Dano: um farol quebrado. Razão tinha eu quando escrevi: «não fui o primeiro a ter destes percalços, nem serei o último».

A. Rodrigues

Da Secretaria Arquiepiscopal

(Continuação da 1.ª página)

musicais», à margem das normas vigentes, e com profunda mágoa que dirigimos a Nossa censura aos contraventores, proibindo que estas duas festividades, no futuro, se realizem, enquanto os Rev.dos Párocos das ditas freguesias não apresentarem uma Comissão que se responsabilize pelo cumprimento integral da legislação.

Desejamos que esta Nossa determinação seja tornada pública em todas as freguesias do Arcepiestado de Monção e exortamos os Rev.dos Párocos que instruem uma vez mais os fiéis sobre a regulamentação das Festividades Religiosas e as sanções aplicáveis, conforme o Decreto de 29 de Setembro de 1956, aos que desobedecerem ao disposto na dita regulamentação.

Deus guarde V.ª Rev.cia.

Braga, 31 de Julho de 1969

† Francisco, Arcebispo Primas

De Cristóval

Falecimento — Deu contas a Deus, há poucos dias, o sr. Manuel Correia (o sr. Manuel do Barros), residente na rua Verde (S. Gregório).

Homem justo, em todo o seu procedimento, do que deu provas, ainda há pouco tempo, quando fazia parte da Junta desta freguesia.

Paz à sua alma, e pêsames à família enlutada.

Mudança de domicílio —

De Cevide, sua terra natal, mudou para a sua casa de S. Gregório, o sr. Mário M. Monteiro, probo comerciante que foi, no lugar que agora abandonou, durante muitos anos.

Homem sério e de rectidão absoluta.

Que Deus lhe prolongue a vida, bem como a sua extrema esposa, são os nossos votos.

Doença súbita — Foi há dias acometida de doença súbita, a sr.ª Izaura Rodrigues, de Cevide.

Desejamos-lhe o seu pronto restabelecimento. — C.

Pelo Hospital

(Continuação da 1.ª página)

ao disposto estatutário desta Santa Casa, fica determinado que:

Admissão de doentes no hospital: É indispensável a autorização do Provedor desta Santa Casa e o «Visto» do Seu Director Clínico. Alta de doentes: Esta é só da competência do Director Clínico. Medicamentos fornecidos gratuitamente para doentes pobres: Qualquer receita, para estes medicamentos, precisa, pelo menos, do «Visto» do Director Clínico.

A bem da Nação

Melgaço, 30 de Janeiro de 1969

O Provedor,

P.º Carlos António Vaz»

É certo que há alguns casos clínicos do sr. Doutor Ribeiro, como o da menina de Cavaleiros a quem foi amputada uma perna; o dum senhor que faleceu na sala do banco, e outros que foram levados ao Ministério da Saúde. E, possivelmente, ainda à Ordem dos Médicos.

* * *

Está já o novo telhado colocado no hospital e, depois de termos sido forçados à demora de um ano. Outras obras seguirão e quem nos dera que logo viesse licença para se construir o novo hospital. Todos compreendem como nos custa gastar com este, quando todas as migalhas nos fazem falta para aquele.

O nosso Director Clínico

— O sr. Dr. Esteves, médico, há muitos anos, no nosso concheiro é pessoa muito estimada. Todos sabem da sua vasta clientela e probidade profissional. Um dos membros desta Mesa propôs já se lhe fizesse uma homenagem pública, colocando o seu retrato a óleo nesta Santa Casa. É assunto que vai ser levado à primeira assembleia dos Irmãos a realizar brevemente.

Pensamos pois convidar os Irmãos desta Santa Casa, para nova assembleia Geral e assim se resolverem vários assuntos pendentes. Para já, basta-nos dizer que esta Mesa foi apresentada ao Senhor Governador Civil de Viana, pelos Senhores Presidente da Câmara, Professor Rodrigues, Dr. António Cândido Esteves, Dr. Sérgio da Silva Saavedra, Dr. Oliveira Rodrigues, Dr. João de Barros Durães.

Pessoas de toda a respeitabilidade.

Recordemos também que apesar do inquérito feito à Mesa, em dias, imediatamente anteriores, a presença de 51 Irmãos, revela a estima de todos eles. Não houve voto algum negativo.

Temos pois cumprido. E pelo visto, parece-nos que bem.

PADRE CARLOS

Incêndio

Nos dias 28 e 29 de Agosto, nos montes do Pernidelo, houve um grande incêndio nas matas, com a extensão de 5 quilómetros,

Movimento Escolar

(Continuação da 1.ª página)

com as correspondentes percentagens:

Alunos propostos a exame: apenas 3, isto é: 18,9%.

Fizeram o 5.º ano completo, apenas 3, isto é: 18,9%.

Fizeram a Secção de Letras: 35. Reprovaram 17 ou 48,57%; Passaram 18 ou 51,43%.

Fizeram Ciências: 31. Reprovaram 19 ou 61,28%; Passaram 12 ou 38,72%.

Os dados são claros e, embora sujeitos a certas correcções que aceitaremos de bom grado, creio serem inequívocos e suficientes para o leitor tirar as conclusões oportunas.

Temos a certeza que os resultados deste ano terão sido

melhores, até porque, além dos repentinos, foram concedidas várias facilidades que influenciaram muito nos resultados finais.

Só queremos terminar com o voto de que, pelo menos, o aproveitamento total de alunos que vençam as suas secções, chegue aos 50%.

Isto em nome e para bem do progresso da nossa terra, pois se há-de fundamentar na instrução dada aos seus filhos.

Carlos Nuno

Missas Novas

(Continuação da 1.ª página)

tada desde os primeiros dias do Seminário até ao fim.

O P.º Aladino quis estar em festa com todos os seus conaturais. Para tal, escolheu o passado dia 24.

A Missa foi na vetusta e histórica igreja de Castro Laboreiro. Foi orador o rev.º P.º Júlio Vaz; a parte coral esteve a cargo da «Scola Cantorum» de Rouças que, sob a regência do P.º Carlos Nuno Vaz e ao harmonio com o seu irmão P.º Júlio, também autor da música, agradou a todos os que puderam participar em tão sublime acto.

Tocante como sempre, a cerimónia do beija-mão.

Imponente o cortejo automóvel que, desde Castro, se deslocou à Peneda para o lauto almoço que lá foi servido no hotel do Santuário. Tudo decorreu com animação e com o máximo respeito, animado, mais uma vez, pela juventude de Rouças e de todos os que quiseram dar largas e expansão ao seu entusiasmo.

Foram numerosos os brindes. Falaram os rev.ºs Anibal, pároco do novo padre; o P.º Bernardo, originário de Castro; o P.º Albertino, também de Castro; o P.º Júlio Vaz; o sr. dr. Oliveira Rodrigues; seu irmão Artur; o sr. P.º José Afonso e o sr. Arcepreste. Agradeceu, comovido, o novo sacerdote, P.º Aladino, que para todos teve palavras de agradecimento e de alento.

Já com o sol a fugir na serra e com uma tarde de sonho foram debandando os numerosos convidados e amigos do P.º Aladino.

Melgaço, «terra fria», deu este ano, quatro sacerdotes. Oxalá que o Senhor, na feliz expressão de um castrejo, continue a ter predilecção pelas alturas e pelos «frios».

Um dos presentes

QUADRAS POPULARES

Os meus olhos são dois rios correndo na mansidão; abrem-se as portas da barra na fos do teu coração.

Apalpei do lado esquerdo, não senti o coração; de repente me lembrei que estava na tua mão.

«MANCOZAN AZUL»

Pó molhável micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HA.

Patente: ROHNU E HAAS C.ª - U. N. A., n.º 3951

Agente distribuidor: Miguel H. G. Peteira

MELGAÇO

A VOZ DE MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA — MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 35\$00 — Estrangeiro 75\$00 ★ ANO XXIII — N.º 433 — Melgaço, 15 de Setembro de 1969 ★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telef. 22455 - Braga

REPAROS

- A actividade do Sr. Presidente da Câmara...
- O Sr. sargento Táboas merece louvor...
- O Hospital cumpre a sua missão.

NÃO venho como um «iterum crispinus». Não. Simplesmente fazer alguns reparos sobre certos assuntos versados ultimamente num dos jornais de Melgaço.

No dia 1 deste mês tomou posse, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Melgaço, o novo Vice-Presidente da Edilidade Melgacense, a cuja posse assistiu numeroso público do concelho.

Comentando-se, mais tarde, o discurso do Ex.^{mo} Presidente e em referências feitas ao digno homem público, disse-se, implicitamente, que o sr. professor Rodrigues passava certa percentagem do seu tempo ao serviço público. Ora tal percentagem de tempo, feitas bem as contas, ainda representa mais de 8 horas por cada dia, desde as 0 h. até às 24.

Como quer que seja, no cumprimento dos seus deveres, inerentes à sua função de Professor primário, é exímio e cumpre-os integralmente.

Não sei qual o tempo que é obrigado a estar, em cada dia, à frente da sua escola, contudo somos testemunhas de, sempre que nos encontramos em Melgaço e várias vezes ir à Câmara Municipal, ali o vemos, debruçado sobre os assuntos que dizem respeito à administração municipal, de que é órgão competente e, a prova-lo está o que muito tem feito pelo concelho.

Não estará tudo feito ainda,

relativamente ao que é preciso. Como todos sabemos não se pode fazer tudo com a rapidez que seria de desejar. É necessário harmonizar as coisas com as dificuldades que a Nação atravessa, para defesa do Ultramar, até que os nossos inimigos sejam totalmente aniquilados e eliminados desta Terra de Santa Maria.

Haverá sempre descontentes, julgando que tudo não está ainda feito, ou atribuindo imperfeições. É claro que todo o ser humano tem constantemente desejos da perfeição, sendo, portanto, certo que a perfeição existe, mas não em nós, os mortais, pelo que não será, jamais, atingida por nós, seres humanos, nem mesmo quando se chegar a atingir o Planeta Marte, ou mais além como alguns esperam.

O sr. Presidente da Câmara, Professor Rodrigues, que todos os melgacenses compreensíveis e bem intencionados respeitam e consideram, como presidente à altura das aspirações de Melgaço, é homem de carácter íntegro; é homem que anda sempre de cabeça levantada; é homem que vê «Amor da Pátria não movido de prêmio vil, mas alto e quase eterno». Somos testemunha das suas constantes preocupações, na luta por um Melgaço melhor.

Se, porventura alguém, em alguma vez se melindrou por ele ser homem de «antes que»

(Continua na 6.ª página)

Matas em chamas

Pouco depois das 16 horas, do dia 29 de Agosto p.p., deflagrou numa vasta área de matagal pertencente aos serviços florestais, a particulares e baldios, um violento incêndio que causou alguns milhares de contos de prejuízos, ardendo arvoredo e mato numa área de 100 hécтары, nos altos das freguesias de Rouças, S. Pajo, Cubalhã, Lamas de Mouro e Fiães, onde alguns povos não reagiram bem, não se preocupando com o que poderia vir a suceder.

Após dado o alarme às brigadas dos Serviços Florestais, estas imediatamente compareceram no local e a seguir a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço e muitos civis. Também lá esteve, a ajudar, o Sr. P. Justino, da vila.

Passadas poucas horas, chegava uma coluna motorizada do Exército Português composta de «15 camionetas e 4 jeeps», que transportavam cerca de 500 militares, vindos da cidade do Porto, pertencentes ao Regimento de Infantaria n.º 6 e outras unidades, ainda outros que vieram no dia seguinte, tendo permanecido no local cerca de uma semana, onde mantinha a ordem e disciplina um piquete da Polícia Militar. Bem hajam todos os que colaboraram para extinguir o fogo, que com todos os seus esforços e as suas operações de corta-mato, assim evitaram que as chamas atingissem as populações, que corriam sério risco, perigando a vida de muitos seres humanos, gados e outros haveres dos moradores daquelas localidades serranas.

As autoridades competentes, investigam a origem deste incêndio.

Um alvitre — Aos Srs. Abades das freguesias prejudicadas, Srs. Regedores e Juntas de freguesia.

(Continua na 2.ª página)

Câmara Municipal de Melgaço

MEMORIAL

(Entregue a Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, no Governo Civil, em 26 de Julho de 1969)

I — Lavadouros

Para ocorrer às necessidades do concelho, onde se encontra já assegurado o abastecimento de água, são necessários 166 lavadouros.

Para maior economia e facilidade de execução, a semelhança do que se fez com o Plano de Beneficiação de Fontes, mandou a Câmara elaborar projectos modelo de 6, 4, 3 e 2 células. Foi previsto no projecto que cada célula serviria 50 habitantes. Porém, dado que as lavagens se fazem, em regra, nos primeiros dias da semana, foi aquele número reduzido para 25.

Pedimos que nos seja concedida ainda este ano, se pos-

sível até Outubro, a respectiva comparticipação.

O pedido formal seguiu em 24 do corrente através da Direcção de Urbanização com os projectos modelos referidos.

II — Pavimentação de Caminhos Municipais

Está a Câmara a proceder, por empreitada, à pavimentação do C.M. 1140 da E.N. 501 a Ervedal — 2.ª fase (abertura na extensão de 1260 metros e pavimentação na extensão de 3400 metros) Proc.º 135/MR 63; e C.M. 1159 da E.N. 202 — 3 (Castro Laboreiro) a Portos — 3.ª fase (pavimentação na exten-

(Continua na 7.ª página)

Quatro Missas Novas

★ 1 Concelebração na Peneda

★ 9 padres originários de Rouças...

★ Sob os auspícios da Senhora da Peneda

Com a celebração da Missa Nova do P.º Júlio Nepomuceno Vaz no passado dia 31-VIII concluíram-se os festejamentos daquilo que se pode chamar um acontecimento histórico para Melgaço — 4 novos padres. É um sinal da predilecção do Senhor pela nossa terra.

Um dos novos padres foi escolhido nas agruras e nas altitudes de Castro Laboreiro.

Com ele, eleva-se a 4 o número de sacerdotes originários de Castro Laboreiro. Foi ele o P.º Aladino Rodrigues, destinado a pároco de Lindoso.

Veio outro de Paços. É o P.º Manuel Joaquim de Sousa Lobato, destinado a moderador de futuros padres, e daqueles que mais necessitam de compreensão e estima.

Os outros dois vieram de Rouças. E são eles os padres Manuel Rui de Castro Alves e Júlio Nepomuceno Vaz. Com estes dois novos padres, eleva-se a 9 os padres que cresceram e se formaram em Rouças. 7 desses padres chegaram do princípio ao fim sob o amparo do rev. P.º Carlos Vaz,

(Continua na 5.ª página)

Peneda, 1969

Foram muitas as pessoas que se queixaram amargamente da dificuldade e careza dos transportes de Lamas para a Peneda.

A romaria é gravemente prejudicada pois já não é tempo de se ter que chegar a esperar 2 horas para arranjar transporte de Lamas para diante.

Mais uma vez aqui fica o nosso reparo com a esperança de que seja devidamente sanado.

«A Voz de Melgaço»

Do sr. P.º Justino recebemos uma carta de agradecimento pelas referências feitas no número anterior.

Nada tinha que nos agradecer o ilustre Amigo pois só fizemos a nossa obrigação e com todo o gosto.

Número Especial

Este número especial que «Voz de Melgaço» apresenta como mensagem a todos os de boa vontade, representa uma despesa extra de 1.700\$00.

Agradecemos a colaboração material que os 4 novos sacerdotes demonstraram oferecendo as respectivas fotografuras.

Estamos muito gratos e reconhecidos.

- Ver nas páginas centrais a reportagem das Missas Novas.



Os nove concelebrantes do dia 5-IX-1969, na Peneda

Várias Notícias da Vila

MALANDRINS A SOLTA — Há dias, na Rua da Calçada desta vila, encontrava-se estacionado um automóvel de matrícula francesa, pertencente ao Sr. João de Matos Alves, natural da Póvoa de Lanhoso, que se encontrava a gozar férias junto de seus familiares. Sucede que no dia seguinte de manhã, quando o proprietário do mesmo veículo dele se abeirava, para o utilizar, verificou que *indivíduo* ou *indivíduos*, agindo de má fé, o tinham danificado partindo-lhe o farol e farolim do lado esquerdo e furando-lhe três pneus.

Não está certo! Por este andar, não se podem deixar carros na rua. São actos que nem às crianças se toleram.

Oxalá que tais factos não se voltem a repetir, pois o cántaro tantas vezes vai à fonte que de uma vez lá pode deixar ficar a asa.

CASAMENTO ELEGANTE — Na Capela Primitiva do Hospital da cidade de Bissau, Guiné Portuguesa, realizou-se no dia 30 de Junho p.p. o enlace matrimonial da menina Maria Fernanda Meixeiro Guerreiro Gonçalves, prezada filha do nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel José Gonçalves, Dig.^{mo} 1.º Sargento da Armada e da Sr.^a D. Isabel Guerreiro Gonçalves, com o Sr. Octávio Arlindo da Costa Matos, acreditado industrial daquela cidade.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo o Sr. Antero Costa, industrial e sua esposa Sr.^a D. Cecília da Costa.

Após o acto que se realizou com toda a sumptuosidade, o cortejo nupcial dirigiu-se para um dos melhores Hoteis daquela localidade, onde foi servido um opíparo almoço a inúmeros convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades e simpatia e que seguiram em viagem de núpcias, para a Alemanha, desejamos as maiores felicidades, e uma perene lua de mel.

ARNALDO MALHEIRO — Acompanhado de sua esposa, Sr.^a D. Maria Lopes Malheiro, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Armando Malheiro, residente em França, e grande benfeitor das nossas casas de caridade.

Os nossos cumprimentos.

FALECIMENTO — Com a idade de 71 anos, faleceu no pas-

sado dia 4 na sua residência do lugar das Carvalhiças, a Sr. D. Rosa Fernandes Gonçalves, casada com o Sr. José Gonçalves, naturais da freguesia de Castro Laboreiro e residente nesta Vila, há muitos anos.

A extinta, que pelas suas qualidades de carácter e bondade era geralmente estimada, era mãe do Sr. José Gonçalves, sogra da Sr.^a Olinda Domingues Gonçalves e avó dos Senhores, Germano Gonçalves e Nascimento Gonçalves.

O seu funeral, realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, para o cemitério local.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidos pésames.

D. MARIA AMÉLIA ESTEVES — De visita à seu sobrinho Sr. Henrique César Esteves, funcionário do Grémio da Lavoura, encontra-se nesta Vila, a nossa conterrânea Sr.^a D. Maria Amélia Esteves, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

ADRIANO FARIA — No «Solar de Galvão», desta Vila, esteve de visita à sua família o nosso estimado assinante Sr. Adriano Faria, industrial na cidade do Porto, acompanhado de sua esposa Sr.^a D. Rosália Anselmo Faria.

Os nossos cumprimentos.

AGRADECIMENTO — A família de Fernando do Paço, que foi desta Vila, na impossibilidade de poder fazê-lo particularmente, quer por falta de endereços, quer por ilegitimidade de assinaturas, vem, por este meio, muito penhoradamente agradecer a todas as pessoas que os confortaram e que acompanharam o saudoso extinto ao campo da igualdade, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

ANIVERSÁRIO — No próximo dia 25, festeja as suas 16 risnhas primaveras a gentil menina Márcia do Rosário Gonçalves, filha do nosso estimado assinante Sr. Armando Augusto Gonçalves e da Sr.^a D. Maria Alice Rodrigues Gonçalves.

Por tal motivo desejamos à aniversariante, que esta feliz data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

QUEDA GRAVE — Quando há dias, se encontrava a gozar férias na Praia da Rocha (Algarve), foi vítima duma queda e fracturou um braço o nosso conterrâneo Sr. António José Ferreira (contabilista) dos Transportes

Aéreos Portugueses em Lisboa.

Ao nosso conterrâneo desejamos rápidas melhoras.

MANUEL ALVES SAMPAYO — Acompanhado dos seus familiares, encontra-se a passar férias em sua Casa, na freguesia de S. Paio, o nosso ilustre conterrâneo Sr. Manuel Alves Sampayo, distinto fotógrafo e Pintor em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

JULIO MARTINS DA SILVA BORGES — Acompanhado de sua esposa Sr.^a D. Ana Rosa Lopes da Silva Borges e filhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso estimado assinante Sr. Júlio Martins da Silva Borges, conceituado Armazenista e comerciante no ex-Congo Belga.

Os nossos cumprimentos.

ANTÓNIO JOAQUIM GONÇALVES — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António Joaquim Gonçalves, comerciante em Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos.

Os nossos cumprimentos.

FALECIMENTO — Na sua residência do lugar de Cima, freguesia de Lamas de Mouro, faleceu há dias, com 74 anos de idade o Sr. Joaquim Domingues (Ferraria), casado com a Sr.^a Arminda Domingues.

O extinto era pessoa estimada pelas suas qualidades de carácter que sempre o impuseram à geral consideração de todos quantos o conheciam, ou que com ele privavam.

O seu funeral, realizou-se para o cemitério daquela freguesia com grande acompanhamento.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidos pésames.

MÂNCIO DA ROCHA — Acompanhado de sua esposa e filhos, encontra-se nesta Vila, vindo de França, em visita à sua família, o nosso conterrâneo Sr. Mâncio da Rocha.

Os nossos cumprimentos.

JOÃO EUGÉNIO DA ROCHA LUCENA — De visita à sua família, encontra-se nesta vila, o nosso conterrâneo Sr. João Eugénio da Rocha Lucena, finalista do Instituto Industrial de Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Vendem-se

Três campos de rega e um de seca, próprio para construção, na estrada da Lodeira — Monção.

Informa «Notícias de Monção».

DR. ALEXANDRE AMORIM

ADVOGADO

Herculano Lima da Silva

SOLICITADOR

Com ESCRITÓRIO nesta vila

Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 } Telef. 28241/5 } (6 linhas)
DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 } » 21861
Praça Almeida Garrett, 6 } » 28241
17 - Rua de Sá da Bandeira - 19 } » 53452
R. Fernandes Tomás (Edif. 6010) } » 28241

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53
a abrir brevemente) Rua 1.º de Dezembro, 82

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

ENGENHEIRO MANUEL DE MAGALHÃES FERNANDES PINTO — Acompanhado de suas Esposas e filhos estiveram alguns dias nesta vila, de visita à sua mãe, Sr.^a D. Maria Hijina de Magalhães Fernandes Pinto, na «Quinta da Calçada» os Senhores Engenheiro Manuel de Magalhães Fernandes Pinto e Arquitecto Luís Manuel de Magalhães Fernandes Pinto.

A todos os nossos cumprimentos.

«CIRCO MÉRITO» — Esteve nesta Vila, durante alguns dias, onde realizou vários espectáculos o «Circo Mérito» agradando a todos Melgacenses.

Foram muito admirados todos os artistas daquela companhia em especial a parrelha de palhaços «Mikey e Mérito», Weladomero e sua medium Any em transmissão de pensamento, as irmãs Marinhas em astútuas viventes, etc.

Os nossos aplausos.

ARMÉNIO DE MELO — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver nesta Vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Arménio de Melo, Sub-Chefe da Polícia de Segurança Pública em Braga, acompanhado de sua esposa e filhos.

Ao nosso amigo, que há dias regressou de Lisboa, após sete meses de estágio na Escola Prática da P.S.P.; apresentamos os nossos cumprimentos e parabéns, pela sua promoção.

AMADEU AUGUSTO ALVES — Acompanhado de sua esposa, Sr.^a D. Maria de Lurdes Alves, tivemos o prazer de ver nesta Vila, de visita à sua família, o nosso amigo e conterrâneo Sr. Amadeu Augusto Alves, funcionário superior da Companhia Real Holandesa de Aviação «K. L. M.» em Amsterdão (Holanda).

Ao nosso querido amigo e estimado assinante e a sua Ex.^{ma} Esposa, que fizeram a sua viagem num dos mais modernos aparelhos daquela companhia, «DC 9-jacto» com escala Amsterdão - Paris - Madrid - Lisboa e Porto, apresentamos os nossos cumprimentos.

(Ver mais notícias da Vila na 3.ª página)

Matas em chamas

(Continuação da 1.ª página)

sia, lembrávamos que seria de toda a conveniência, se tal fosse autorizado, mandar aos soldados e demais Pessoal que aqui trabalhou na extinção do incêndio uma boa lembrança. Sabe-se que nem todas as populações fizeram o bastante por eles.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos — Amanhã: Ti-bério Correia de Sousa e a menina Lisete Maria Gonçalves Pereira; Dia 17: D. Maria Leonor Gonçalves da Mota Solheiro e as meninas Delfina Gomes de Sousa e Maria Odete de Sousa Calheiros; Dia 18: A menina Maria Leonor Gomes e Luis Gonzaga de Araújo; Dia 19: Maria Arpígia de Sousa Cerqueira, e Amândio Lopes de Sousa Cardoso; Dia 20: Manuel Augusto Lourenço; Dia 22: A menina Rosa dos Anjos Gonçalves; Dia 23: D. Deolinda Pereira, e Fernando Augusto Inácio; Dia 24: Adriano Alves e Henrique Augusto Bernardes; Dia 25: D. Maria Angelina Alves Solheiro, Joaquim Inácio Merim e José Henrique Trancoso Bermudes; Dia 26: D. Maria Leonor de Araújo Pereira, D. Maria Teresa Alves Carabel, e a menina Fernanda Manuela Marinho Carneiro Geraldes; Dia 27: José Joaquim Domingues; Dia 28: A menina Maria Teresa Solheiro de Barros Henriques, Manuel Oceano Gomes de Sousa e os meninos António Gonçalves Merim e António José Ribeiro Domingues; Dia 29: A menina Maria Margarida Dantas Ribeiro e Manuel José Gonçalves; Dia 30: Evaristo Domingues.

Casamento elegante

Na Igreja Matriz desta Vila, realizou-se no passado dia 7, com toda a solenidade o enlace matrimonial do Sr. Ilídio Barros Ferreira, filho do nosso conterrâneo Sr. Roque de Sousa Ferreira e da Sr.^a D. Delfina de Sousa Ribeiro Barros, com a menina Maria Alice de Sousa Moreira, prezada filha do Sr. Adérito Aureo Moreira e da Sr.^a D. Yasquine de Sousa Moreira.

Foram padrinhos, por parte do noivo, o Sr. Joaquim Leite e sua esposa Sr.^a D. Argentina Alina Leite, e, por parte da noiva, o Sr. José Alberto Martins Nunes e sua esposa Sr.^a D. Fernanda Martins Nunes.

No fim do acto, que foi presidido pelo Rev.^o P. Justino Domingues, Pároco desta Vila, o cortejo nupcial dirigiu-se para a «Pensão Minhota», onde foi servido um lauto e bem confeccionado almoço a inúmeros convidados, tendo-se brindado pela felicidade do gentil casal.

Aos noivos, que são naturais da cidade do Porto, desejamos as maiores felicidades e uma perene lua de mel.

Para MALHAS e MIUDEZAS

Prefiram o

Armazém S. João

Vendas por JUNTO e RETALHO

Os nossos artigos estão com preços de boas condições de aquisição pelo público consumidor

RUA FRANCISCO SANCHES, 20 — BRAGA

«MANCOZAN AZUL»

Pó molhável micronizado ideal para as suas sulfatações. Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha sulfatada com este produto, e tirará esta conclusão: MELHOR NÃO HÁ.

Patente: ROHNU e HAAS C. - U. N. A., n.º 3951

Agente distribuidor: Miguel F. G. Pereira

MELGAÇO

"A Voz de Melgaço" em 1946

I

Dr. Cândido Sá

Foi nomeado Delegado de Saúde Distrital o sr. dr. Cândido de Sá, que, neste conselho; exercia as funções de Sub-delegado de Saúde.

A Sua Ex.^a os nossos parabens.

II

Furriel Tábuas

Regressou de Angola, onde esteve em serviço durante dois anos, o furriel António Tábuas, natural do lugar do Ameal, S. Paio.

III

Guarda-Rios

Partiu para Gondomar, onde vai desempenhar as funções de guarda-rios do Rio Sousa, o sr. António José de Freitas. Enviamos-lhe os nossos parabens.

IV

Prof. Ismael Dias de Carvalho

Em serviço oficial seguiu para os Arcos de Valdevez o nosso distinto redactor Prof. Ismael Dias de Carvalho, de Paderne.

V

Café Chave d'Ouro

No dia 13 de Julho foi inaugurado, na Vila de Monção, o Café Chave d'Ouro, com serviço de restaurante, fabrico de pasteleria e refrigerantes.

VI

Manuel Alves San Payo

Esteve em Melgaço este ilustre Melgacense e consumado artista fotográfico. Saudámo-lo e que seja o interprete das belezas deste cantinho português.

(Continua)

De PRADO

AGRICULTURA — Foi com o máximo prazer que li o diploma que reorganiza a agricultura por processos modernos, que tão amavelmente me foi enviado de Lisboa, que a seguir transcrevo:

«Ministério da Economia—Secretaria de Estado da Agricultura, Decreto-Lei n.º 49 184, publicado no Diário do Governo em 11 de Agosto de 1969 I Série.

Artigo 1.º — As sociedades constituídas ou a constituir sob qualquer forma legal por agricultores que trabalhem ou explorem em comum os prédios que fruem beneficiarão como expressão de «agricultura de grupo» das regalias e exenções concedidas por lei às cooperativas agrícolas e ser-lhes-á prestada assistência técnica e financeira nas condições do presente diploma.

2. Para efeitos consideram-se agricultores proprietários ou não, os que dispondo isoladamente de explorações agrícolas cujas áreas não excedem ao disposto no § único do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 43 355, de 24-11-960, entrem para a sociedade com os respectivos capitais e trabalho directo com vista a alcançar para a empresa resultante uma dimensão económica que permita a melhor produtividade e aumento do rendimento daquelas explorações.

3. Os proprietários não agricultores poderão participar no capital social com os seus prédios sem prejuizo de equilibrio técnico, social e económico da empresa.

Artigo 2.º — O capital social será constituído separado ou cumulativamente, por prédios rústicos benéfitorias, pelo direito ao respectivo uso e fruição ou por capital de exploração fixo e circulante.

Artigo 3.º — Não se aplica a esta sociedade o mínimo de 50 000\$00 estabelecido por lei para o capital social das sociedades por cotas de responsabilidade limitada.

A Junta de Colonização Inter-nacionalizada tudo com técnicos e maquinismos, pretende que da Agricultura saiam os máximos proveitos, serão postos de parte velhos costumes, a terra será examinada e adaptada a culturas apropriadas.

Os nossos produtos serão transacionados por intermédio de cooperativas, como já o fazem em Macedo de Cavaleiros e em outros concelhos. — Tem este diploma sete artigos dignos de ser apreciados para bem de todos e bem da Nação.

Todos nós sabemos que não podemos viver sem os produtos agrícolas, onde aqueles que nos dirigem têm os olhos postos, seleccionemos, os nossos vinhos, as nossas frutas, aumentemos a criação de animais de todas as espécies.

Os 10.000 CONTOS

da
SORTE GRANDE
4843

da Lotaria das Vindimas realizada em 6 do corrente foram distribuídos pela

Casa da Sorte

que este ano já fez 102 MILIONÁRIOS!

Também no TOTOBOLA
recomeçaram os êxitos da

Casa da Sorte

que logo no primeiro concurso da nova época deu numerosos prémios graças aos seus afamados sistemas italianos e ucranianos.

Se quer ter Sorte prefira a

Casa da Sorte

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS
na LOTARIA e no TOTOBOLA

Braga — Porto — Coimbra — Lisboa — Luanda
Lobito — Lourenço Marques

O Sr. Presidente do Conselho falou sobre o próximo acto eleitoral

(Continuação da 8.ª página)

lerância partidária, pondo na pena do seu personagem juízos de constante actualidade. Dizia Fradique ao seu amigo Bento, ao avisá-lo do que lhe ia suceder como jornalista político: «Toda a ideia que se eleve, para além do muro, a condenarás com o funesta, sem exame, só porque apareceu dez braças adiante, do lado dos outros, que são os réprobos, e não do lado dos teus, que são os eleitos. Realizam esses outros uma obra? Bento não poupará prosa nem músculos para que ela apareça: e se entre as pedras que lhe atira, casualmente entrevê nela certa beleza ou certa utilidade, mais furiosamente apressa a sua demolição porque seria mortificante para os seus amigos que alguma coisa de útil ou de belo nascesse dos seus inimigos — e vivesse. Nos homens que vagueiam para além do teu muro tu só verás pecadores: e quando entre eles reconhecesses S. Francisco de Assis distribuindo aos pobres os derradeiros ceifos da porciuncula, taparias a face para que tanta santidade te não amolecesse e gritarias mais sanhudente: «Lá anda aquele malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou».

«Estou preparado para ouvir toda a espécie de críticas»

Infelizmente a caricatura continua a ser exacta. Estou, por isso, preparado para ouvir toda a espécie de críticas. Oxalá houvesse muitas aproveitáveis. Mas a maior parte do que se diz numa campanha eleitoral é apenas demolidor.

E muito do que se afirma ideal, mostra-se irrealizável na prática ou seria catastrófico na acção. Por isso sucede que quando os opositores chegam ao governo fazem geralmente o contrário do que prometeram.

Por mim sabe o país que não desejei o Governo, não o procurei, não tenho interesse pessoal em me manter nele. Estou, porém, convencido de que o rumo escolhido e que tenho seguido neste ano de Governo é o que mais convém aos interesses profundos do povo português e o que corresponde aos seus sentimentos reais. Por isso, e só por isso, desejo que os candidatos que apoiem tal política e dêem garantias de colaborar construtivamente na sua execução sejam escolhidos pelos eleitores.

Fenómeno de Melgaço...

É verdade! Não é fenómeno do Entroncamento.

Pela segunda vez, no Aviário S. Roque, em Golães, freguesia de Paderne, pertencente ao Sr. Alberto Meleiro, uma galinha de raça «H. N.» pôs um ovo com três gemas.

Foi em Golães, neste rincão do Norte do País, pois que, nem só para o sul aparecem destas coisas.

Brincadeira de mau gosto

No dia 26, do mês de Agosto findo (quatro crianças de 18 anos aproximadamente) entretinham-se a jogar a bola em plena rua nesta vila, alheios aos perigos a que estavam sujeitos.

Como consequência desta prática desportiva, resultou que a bola chutada por uma dessas «crianças» foi embater num vidro de casa partindo-o e estilhaçando-o.

Como no interior da referida casa se encontrasse uma criança, foi esta atingida pelos mesmos estilhaços, produzindo-lhe ferimentos na região frontal, tendo que ser socorrida no Hospital desta vila.

Quando acabará isto? Chama-se a atenção de quem de direito, para que sejam tomadas as necessárias providências.

Várias Notícias da Vila

MANUEL AUGUSTO LOPES

— De visita à sua família, esteve entre nós durante alguns dias, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Augusto Lopes, escriturário de 1.ª classe do Tribunal da Comarca de Loures.

Os nossos cumprimentos.

EM GOZO DE LICENÇA —

Há dias, partiu para Macedo de Cavaleiros, terra da sua naturalidade, a onde foi passar um mês de merecida licença a menina Teresa de Jesus Gonçalves, parteira e enfermeira do Hospital desta Vila, sendo substituída neste período de tempo por uma sua colega de Santo Tirso, menina Maria Olinda de Sá Pereira.

Manuel Vicente Coelho

IGREJA — ROUÇAS — MELGAÇO
TEL. 42272

Nas FESTAS, encarrega-se de: Serviço de alti-falantes; primorosas instalações eléctricas; todas as ornamentações dos templos; figurados e andores.

E tudo mais barato que os outros!

Consulte-nos e preferir-nos-á

Renovamos
a cada dia
a nossa tradição
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

**PINTO
DE
MAGALHÃES**

Rua de S. da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Missa Nova do P.^e Júlio Nepomuceno Vaz

ROUÇAS - MELGAÇO



A multidão entrando na Igreja que foi cenário da Missa Nova do P.^e Júlio



Cantando o prefácio da Acção de Graças



Dá a comunhão a sua mãe

É o mais novo de 5 padres todos da família Vaz, do Cerdedo.

A sua Missa Nova foi mais uma festa de toda a família, como aliás o sublinhou seu tio e padrinho P.^e Júlio Vaz, no almoço do Peso.

Fez os seus estudos no Seminário de Braga. A partir do 5.^o ano venceu sempre os exames com elevada distinção em todas as disciplinas escolares. Uma lhe mereceu especial carinho, porque dotado para ela: a Música. Apresentou várias composições para as Académias do Seminário Conciliar e mereceram todo o aplauso.

A missa cantada na sua missa nova foi de sua autoria e o coro feminino foi da freguesia de Rouças, ensaiado por ele e por seu irmão P.^e Carlos.

A Igreja de Rouças vestiu, no passado dia 31, os melhores ornamentos e, em alar voltado para o povo, foi testemunha da grande festa de mais um dos seus filhos. Fez de bresbítero assistente o rev. P.^e Carlos Vaz, tio do neo presbítero; acolitaram o revs. P.^{es} António Esteves, do Telheiro, e de Santa Rita.

Foram muitas as pessoas que tiveram a felicidade de presenciarem tão solene acto e de nele participar. Merece uma especial referência o que foi Reitor do neo-Presbítero durante 5 anos, Mons. Mouta Reis, pois que a sua presença é de um enorme significado quanto à amizade que o liga à família Vaz.

A parte coral, a vozes mistas, com seminaristas e reparigas de Rouças, executou, maravilhosamente,



as partes musicais e ficou aprovada com distinção.

Foi orador o tio e padrinho do neo-presbítero que falou primorosamente da junção e significado do sacerdócio.

O Cântone da 3.^a anáfora eucarística foi todo cantado pelo neo-sacerdote. Foi, de facto, inebriante.

Muitos foram as pessoas que se abeiraram da sagrada comunhão e assim quiseram participar mais intimamente na Missa Nova. Entretanto o coro cantava o «Magnificat» com o estríbiho: «Glória ao Senhor, eternamente» também da autoria do novo sacerdote.

O Beija-mão foi tocante e prolongado.

Organizou-se, logo de seguida, o cortejo automóvel até à Ponte da Carpinteira.

Ali se juntou também o autocarro da A. V. M. e, em majestoso cortejo — 35 automóveis e uma camionete — seguiu-se para a Pensão Boavista, do Peso, onde foi servido um magnífico almoço a 175 convidados.

Os brindes deram ensejo a que o rev. P.^e Júlio Vaz, tio do novo sacerdote, evocasse, em nome da família, os motivos de tão grandiosa festa. Todos eles se resumem num só: é festa de toda a família. São os três tios

A caminho do altar na companhia da terra e da gente que o viram nascer e crescer



Dá a comunhão ao pai de dois sacerdotes e irmão de três padres



Afilhado e padrinho. Há 22 anos o padrinho responsabilizou-se pela sua educação cristã. Em 31 de Agosto o afilhado dá a grande resposta e recompensa ao padrinho



Com os pais, avós, irmãos e tios após o almoço do Peso

QUATRO MISSAS NOVAS

P.^e Júlio Nepomuceno Vaz

irmãos, sacerdotes, que vêm prolongado o desejo de sua mãe, já em Deus, de ter um filho padre: Teve três filhos e dois netos!

É festa de família porque os pais do novo sacerdote podem ver como seus filhos caminham todos para uma realização perfeita: dois sacerdotes, um dos quais a completar a sua formação em Roma, uma irmã e a única, licenciada em Matemáticas, e aquela que garante continuidade afectiva a toda a família; dois irmãos mais novos que honram os pais e tios pela sua inteligência e pela sua constância de esforços. É festa ainda porque estão vivos os avós maternos. E é esta nota de família que se acentua ainda mais quando o sr. Reitor impõe à mãe do novo sacerdote três medalhas: uma de cobre pelo filho mais velho, padre há quatro anos; uma de prata por ter dois padres, e uma de ouro, em nome da avó paterna de seus filhos por ela ter sido a mãe de três sacerdotes.

Esse grande sentido de festa de toda a família foi o que in-

culcaram, nos seus brindes, o sr. Reitor, o sr. P.^o José Rodrigues, o sr. Presidente da Câmara, e o sr. P.^o Albertino.

O novo padre agradeceu, comovido, as conseqüências e ajuda dos tios, sobretudo de seu tio e padrinho P.^o Júlio, o conforto e carinho dos irmãos, a colaboração generosa e dedicada do grupo coral, a amizade do sr. Reitor e o seu exemplo, a presença de todos — pois a todos considera como familiares, já que amigos dos seus familiares — o magnífico almoço servido pela Pensão Boavista e o modo como se esforçaram para que tudo decorresse bem.

O agradecimento mais sentido foi para o Senhor pela amizade revelada com a família: cinco padres, é algo de extraordinário que só o amor infinito de Deus é capaz de operar.

Como se cantou na Missa — que o emocionou várias vezes — digamos, para terminar:

«Glória ao Senhor, eternamente».



O Padre Aladino dá a comunhão a sua mãe e pensa em seu pai que o avista lá do Alto



Na ordenação de 15 de Agosto, na Sé Primaz

consigo, no dia dos seus 60 anos, os padres que começaram e terminaram a sua carreira durante o tempo em que ele foi pároco; reunir consigo 8 padres e concelebrar no mosteiro da Senhora da Peneda. Foi lá, às 11.30, que se dirigiram os 8 sacerdotes com o seu pároco para o altar a fim de celebrarem, em acção de graças, o extraordinário acontecimento. Em tom simples e amigável, com alguns cânticos também simples, escutando palavras do presidente da concelebração — sr. arcepreste — cheias de comção, de agradecimento e de júbilo, com a igreja a transbordar de fiéis, com alguns familiares presentes, assim passou a parte mais importante do dia grande de 5-IX-1969.

Foram nove, como dissemos os concelebrantes: Rev. Pároco P.^o Carlos Vaz, seus sobrinhos padres Carlos e Júlio Vaz, P.^o António Esteves, P.^o António Joaquim Esteves, P.^o José Marques, P.^o José Cândido Marques (que iniciou os seus estudos em Rouçã) (Conclui na página seguinte)

(Continuação da 1.ª página)

arcepreste e pároco de Rouças há 26 anos.

Para festejar este grande acontecimento na vida espiritual da paróquia de Rouças, quiz o sr. arcepreste reunir



Os Padres Aladino, Rui e Júlio em ordenação



O Padre Lobato com os convidados da sua Missa Nova



O Padre Rui, já sacerdote, caminhando na Sé de Braga para onde foi nomeado

QUATRO MISSAS NOVAS

REPAROS

(Conclusão da página anterior)

cas), P.º José Alberto de Sousa e P.º Manuel Rui de Castro Alves.

Estiveram presentes mais 3 seminaristas de Rouças.

O almoço foi no Hotel do Santuário. Ele merece uma palavra de referência ao Sr. P.º José Afonso da Peneda,

que teve a amabilidade de o oferecer, como prenda de anos, ao sr. Arcipreste e como recordação da sua passagem pela Escola do P.º João da Adedela.

Recordando essa passagem e como o beijamim da mesma, esteve também presente o rev. P.º Albertino Pereira.

Na alma de todos ficou o desejo de uma reunião anual dos padres que em Rouças nasceram e dos que lá vivem presentemente.

Fica a palavra para o deano. Nós aguardamos a convocação oportuna.

Sob os auspícios de Cristo Rei e da Senhora da Peneda.



O Padre Lobato, concelebrando com o Párco, Padre Severo, no momento culminante da Santa Missa



A Senhora da Peneda apadrinhou o Padre Aladino. Também dela se sentem devotos todos os convidados.

(Continuação da 1.ª página)

brar que torcer», não lhe leva a mal, pois em homens da qualidade do professor Rodrigues, doutra maneira não pode ser.

Evidentemente não é homem de cafés. Não é próprio dum homem público, com tais responsabilidades, perder o tempo nos cafés, a dialogar com este ou aquele, ou, melhor dizendo: «a lavar roupa suja» pelos estabelecimentos onde se vende café e outras bebidas, quando aquele precioso tempo esteja a ser necessário ao serviço da causa pública. Os assuntos que tenha a resolver e que respeitam à administração municipal tratam-se com os seus colaboradores oficiais, que são, também, os representantes dos municípios.

Se alguém tiver sugestões proveitosas a apresentar-lhe e que digam respeito ao interesse do concelho e que seja da sua competência tal resolução, fariam melhor apresentá-las pelas vias legais e não estar à espera dele nos cafés.

* * *

Tem, como acima referi, os seus colaboradores, entre eles, o sargento Táboas — vereador. Segundo alguém referiu, há dias, este ilustre Edil, fez exame, ou aprendeu a ler, nas fileiras do Exército. Certamente que esta referência tinha em vista honrar este brioso militar, pois é mesmo de louvar e considerar a sua abnegação, a sua grande força de vontade em ser, como foi, alguém na vida. Nem só os encanudados, com diplomas universitários, são homens de relevo na vida pública. Não é exclusivo deles. Ascendeu ao posto de sargento, cujas funções exerceu com dignidade e elegância, dignas de ser seguidas como exemplo. Era disciplinado e disciplinador. Não sabemos o motivo por que já se reformou. Isto é, aposentou-se ainda novo, com vigor bastante para servir ainda a sua pátria. Não foi para enriquecer certamente. Sabemos também que é daqueles a que se referiam as felizes frases do Presidente Salazar: «Tudo pela Nação e nada contra a Nação». Ele que nos perdoe fazermos-lhe esta referência. Se ainda estivesse no Exército concerteza que teria, pelos seus méritos, ascendido ao posto de oficial, como outros que serviram com ele, ainda na classe de sargento, e que a eles não era inferior. Os seus conhecimentos da vida pública e o seu carácter, mereceram que um órgão de administração municipal o elegeisse para a vareação do concelho, no presente quadriénio.

* * *

Quanto ao Hospital, e relativamente à doente Rosa Gonçalves, se transitou para outro hospital, ida do de Melgaço, é por que o ilustre clínico, sr. dr. Esteves, responsável pelo internamento, altas e transferência assim o determinou. Como médico competentíssimo, assim o julgou conveniente, para melhor tratamento da doente. Não é só do Hospital da Santa

Casa da Misericórdia de Melgaço que são transferidos doentes para outros hospitais.

Também, parece-nos, que ao doente que entra num hospital nem sempre lhe pode ser feita a vontade, pedindo o médico que lhe apetece. Se ela pedisse um médico de Monção, de Viana ou de outra localidade qualquer, incluindo Melgaço mesmo, não poderia ser atendida e cremos que não se faziam comentários. O que se tornava necessário era que no Hospital de Melgaço estivesse um médico dos que prestam serviço no mesmo, ou então autorizado pelo responsável, para atender a dita doente, conforme foi atendida. Não se verificou negligência no Hospital de Melgaço, quanto à sua saúde.

O que poderia não acontecer e aconteceu, conforme se diz ter acontecido, não passa duma simples hipótese e, quando de hipótese se trata, não há, como é óbvio, precisão e objectividade.

As frases da enfermeira de Viana, conforme refere «Notícias de Melgaço», não são de levar em conta para diminuir a competência do Hospital de Melgaço.

O Secretário da mesa do Hospital, não é o que manda nele. No hospital, segundo apreciamos, há ordem. Essa ordem é assegurada pelo sr. Provedor e os outros componentes da Mesa, cujo cargo desempenham com a dignidade que lhes é característica. Não obstante as dificuldades que se lhe deparam, e que todos os que querem ver conhecemos, tem mantido uma abnegação constante para que o hospital venha a cumprir o melhor que for possível, a sua missão, o que seria para louvar em vez de se menosprezar, se é que em algo se pretende menosprezar.

Não quero, com estes meus reparos, tomar partido por quem quer que seja, nem contra quem quer que seja. Sou amigo de todos, e, como Melgacense, estou sempre com todos aqueles que, de qualquer modo, lutam pelo engrandecimento de Melgaço, quer seja na hora presente quer no futuro.

Viana do Castelo, 27 de Agosto de 1969.

Manuel Inácio Durães

Abel Augusto Vaz

ADVOGADO

Escritório
Registo Civil Tel. 42240

MELGAÇO

Aos nossos prezados Assinantes

Vamos proceder à cobrança das assinaturas de «A Voz de Melgaço», mas agradecemos que nos trouxessem ao nosso cobrador, na vila, as respectivas importâncias.

Era um grande favor.

A DIRECÇÃO

"Comentando"

(Continuação da página 8)

Será por tudo isso que se bate com tanta energia — ou o levam a bater-se — invocando a função de Presidente da U.N.?

Seria isso que queria eu fizesse movido pelas acusações que apresenta no final da sua carta? Continuarei a ignorá-las, como as ignorava até agora, pois tenho para mim — e isso vem nos códigos da boa educação, em qualquer situação social, em qualquer local do mundo e em todas as raças, porque o verdadeiro código do homem é o direito natural — que o respeito a todo e qualquer segredo é uma coisa sagrada. Revelá-lo, em quaisquer circunstâncias, é um acto que não tem qualificação, agravado ainda quando a revelação se faz após o corte de relações com quem se era amigo.

Nem é necessário recorrer a qualquer motivação espiritual para qualificar tal procedimento!

3.º — Parece dar a entender que o sr. professor é que serve e nós é que traímos.

— Mas, a quem serve, sr. prof. Lourenço?

Ao País? — Fã-lo-á quem, no ano crítico, e com as eleições à porta, provoca cada vez mais a desunião dos nacionalistas de Melgaço, tendo a missão de os unir por própria função do cargo?

A União Nacional?

— Não ouviu V. Ex.ª de alguém, que é homem dos pés à cabeça, que a função da U. N. era a de unir e não a de desunir, como V. Ex.ª tem feito? Não o disse aliás, V. Ex.ª, no discurso da posse do Vice-Presidente da Câmara de Melgaço, embora se tenha contradito logo de seguida? Não foi por causa da contradição latente em V. Ex.ª que os 4 vogais da Comissão Concelhia da União Nacional pediram a N. R. apostas ao discurso de V. Ex.ª, discurso a que deu o tom de programático?

Perante isso tudo, a única atitude lógica não teria sido a de pedir a imediata exoneração do cargo, como aliás o disse um conhecido doutor de Melgaço ao ouvir tal discurso? Se o presidente da Comissão Executiva ainda o não fez «de motu proprio» foi, com certeza, porque ainda não chegaram até ele as suas vozes.

Esteja descansado, pois que o tio meu que lhe pediu para exercer tal cargo o fez na convicção de que V. Ex.ª seria capaz de se enquadrar no espírito e lema da U. N.

— *Servirá Melgaço?*

— Quem não serve o País, nem a U. N., poderá servir a sua terra? Que resultados se poderão tirar da sua atitude frontal ao Presidente da Câmara, que elogiou, sem reservas, durante nove anos, como o fizeram aliás, também no Peso, o seu irmão padre e o sr. dr. A. A. Vaz?

— *Servirá como professor?*

— Abstemo-nos, para já, de apreciar a sua actividade profissional, já que não se assina como professor, e estamos cren-tes que, quem de direito, o fará. Lamentamos, todavia, que ainda tenha coragem de acusar os outros de uma maneira tão ridícula.

— *Servirá a família?*

— Cremos que sim. A resposta final pertence, todavia,

a sua mulher e a seus filhos, filhos que são a sua riqueza. Mas será assim que pensam alguns dos seus acólitos, com um patriotismo tão encendido que nem a língua pátria falam em casa e querem que os seus filhos nasçam fora do País, como foi dito em praça pública?

«Nós sabemos...» a quem serve o seu actual procedimento. Como seria bom poder aplicar a V. Ex.ª o que dizia Sá de Miranda do homem do Norte... «dantes quebrar que torcer»!!!

Quanto aos conselhos que me dá para não estragar a minha carreira, queria dizer-lhe que a fundação em três realidades:

- 1 — Fidelidade à minha vocação sacerdotal;
- 2 — Confiança total na minha inteligência;
- 3 — Nobreza de carácter.

Louvo a benemérita fundação Gulbenkian que possibilitou e possibilita autênticos valores, que nunca o poderiam ser sem ela.

Como de costume, assina

Carlos Nuno

P. S. — A minha biografia é mais breve. Trabalhei 23 anos para ser padre. Sou-o, graças a Deus, há 4. Passei o primeiro em Fafe, como coadjutor da Vila, capelão do Hospital e do Asilo, e Professor de Moral da Escola Industrial, com 22 aulas por semana. Passei os dois seguintes em Madrid, onde me licencié em Teologia e ajudei na paróquia de Santa Bárbara. O último passei-o em Roma fazendo o «curriculum» de doutoramento e trabalhando na tese.

Lá continuarei, querendo Deus.

Em férias não recuso quaisquer trabalhos paroquiais. Com certeza que V. Ex.ª ainda viu, há dias, como fui presidir ao funeral da sogra de sua irmã Maria e avó de seus sobrinhos, a quem já tinha visitado, dado a comunhão e confessado várias vezes. Desejei, ardentemente, confiar a seu irmão P. Manuel Lourenço a honra de presidir ao funeral. Tal não me foi possível, pois não o consegui encontrar no meio dos dez padres que se incorporaram no funeral.

Também se recordará que, sem atender ao modo como os recebeu, apresentei a V. Ex.ª os meus pésames. É que, para tal, embora tenha lido e meditado bem na Escritura, nas encíclicas e nos documentos do Vaticano II, basta ser-se homem. É com esse Homem, com letra grande, filho de Deus, que V. Ex.ª pode contar, já que o padre nada lhe ajunta. O sacerdote é só para função e serviço das almas.

Mais uma vez, e como de costume, assina o

CARLOS NUNO

Dr. Luis Domingues
CLÍNICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 PORTO

(Continuação da 1.ª pag.)

MEMORIAL

são de 200 metros) — Proc.º 349/MR/59.

Não está previsto no Plano de Viação Rural para o concelho qualquer dotação para betuminosos.

Torna-se de absoluta necessidade prever a aplicação do betume ao mesmo tempo que o macadame, pois, caso contrário, assistiremos, dentro de pouco, ao desfazer do macadame e depois, quando se queira aplicar aquele, será preciso re- por este e a obra, como é evidente, ficará imperfeita e mais cara.

É preciso ter em conta que são obras da serra, muito expostas às intempéries.

Pedimos, pois, providências urgentes para estas duas vias em curso, no sentido de ser imediatamente aplicado o asfalto no pavimento em construção.

Em razão do acidentado e constituição do terreno, não é possível que vias em terraplanagens sirvam por muito tempo. Por isso, pedimos que aqueles 1260 metros da primeira via sejam também, quanto antes, pavimentados e com betuminoso.

Em razão do que fica dito, para segurança desta via e para evitar maiores prejuízos aos proprietários, torna-se necessário executar alguns muros de suporte.

III — C. M. 1144-1 da E. N. 202, de Prado a Paderne
Proc.º N.º 9084

É uma via de muito movimento e o pavimento, em macadame, já muito antigo, encontra-se em péssimo estado de conservação. Está prevista no Plano de Viação Rural a sua reparação. Pede-se que seja antecipada a verba respectiva porquanto, além do que se disse, é um caminho que serve o Convento de Paderne, Monumento Nacional de muito valor e muito visitado.

IV — E. M. 528 — E. M. 301 (prox. de Gave) à E. N. 202 (prox. de Lamas do Mouro) lanço de Gave a Parada do Monte

É esta a via de maior necessidade do concelho. Servirá duas freguesias: Parada do Monte, com 1131 habitantes e Gave, com 735. Nenhuma delas tem qualquer via de acesso e distam da mais próxima cerca de 4 km. O troço de Parada do Monte para a Gave está previsto no Plano de Fomento para o ano de 1973. O projecto já foi presente e está aprovado. Aguarda-se que os Serviços Florestais realizem, como vem prometendo desde 1962, a estrada da E. M. 202 (Pomares) até Parada do Monte.

Solicitamos que junto de Sua Excelência o Ministro da Eco-

nomia se diligencie no sentido de abreviar aquela abertura de que se encarregou aquele Ministério, e, seguidamente, seja antecipada a verba, através do Ministério das Obras Públicas, para se poder executar esta estrada com a urgência que requer.

Pedimos o obséquio do melhor interesse de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas para dar satisfação e tranquilizar aquelas populações, abandonadas de todos os melhoramentos por falta de uma estrada.

V — C. M. 1142 (Rouças) à E. N. 202 (Rasa)

Foram já abertos pelos Serviços Florestais cerca de 5 km. desta via que serve a maior parte da freguesia de Rouças, com 1263 habitantes.

Encontra-se, porém, em terraplanagem e, dado o acidentado e natureza do terreno, está praticamente intransitável.

Pede-se que se proceda à sua pavimentação a betuminoso quanto antes.

VI — C. M. da E. N. 202-3 (prox. de Lamas do Mouro) à Peneda

Embora esta via sirva principalmente o lugar da Peneda (freguesia de Gaveira) e que é pertença de Arcos de Valdevez, certo é que Melgaço tem também muito interesse nela.

O Santuário de Nossa Senhora da Peneda, um dos mais apreciados do Minho, posto que pertence ao citado concelho de Arcos de Valdevez, Melgaço estima-o como coisa sua. É aqui perto, de muita devoção dos melgacenses e o acesso a ele faz-se através de Melgaço.

Enquanto não for construída a E. N. 202 de Lamas de Mouro (Melgaço) a Mezio (Arcos de Valdevez) — melhoramento que ambos os concelhos tanto anseiam e que valorizará imenso o turismo do Minho — aquele Santuário tem de servir-se por

um caminho florestal aberto há anos em péssimo estado de conservação em grande parte da sua extensão.

Pede-se pois o interesse de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas para a pavimentação a betuminoso já que o Santuário e as populações beneficiadas bem merecem e justificam tal despesa.

(A construção da E. N. 202 acima referida completará esta via e será vital para Melgaço. Encontrámo-nos isolados por falta desta ligação. Bem sabemos as dificuldades que há, contudo, seja-nos permitido, neste parênteses, insistir mais uma vez por a realização desta obra, que muito valorizará o Minho, e cujo começo da construção havia sido prometida já para 1967).

VII — Matadouro

A Câmara enviou, em 2 do corrente, o projecto de completa remodelação do edifício do Matadouro existente. É uma obra de extrema necessidade. Pedimos a comparticipação e o indispensável subsídio para se poder levar a efeito.

Melgaço, 26 de Julho de 1969.

O Presidente da Câmara

N. R. — Sabemos que as obras pedidas nos números I, II e III foram já quase autorizadas na própria altura da reunião.

Os nossos parabéns ao dinamismo do Sr. Presidente e os votos de que seja atendido totalmente quanto às petições feitas.

MANUEL ANTÓNIO
RIBEIRO
SOLICITADOR

★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Vinho do Porto! Delícia de Portugal
Vinho do Porto **BARROS**
DELÍCIA DO VINHO DO PORTO
Lágrima Cristi Barros

EM FRANÇA
O MAIS PREFERIDO

Compre **BARROS**
Ofereça **BARROS**
Beba **BARROS**
QUE É O MELHOR

Vende-se em Rouças

Casa de moradia e terrenos, com muita vinha.

Trata: Manuel Esteves.

Lugar da Carreira — Rouças e informa esta Redacção.

Anúcie na «A VOZ DE MELGAÇO»

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEPHONE, 42278 — MELGAÇO

Resposta a parte do P. S. de 25 de Agosto

Diz o Senhor Doutor Abel Augusto Vaz, sem rancor:

«... Queremos também deixar, bem exposto, que não ameaçamos ninguém, nem mandamos ou temos conhecimento de que alguém o haja feito e só nos responsabilizamos pelo que fazemos ou cuja realização legamos em alguém. Temos que essa asserção, como tantas outras que no mesmo jornal se reproduzem, se limitam (sic) a erguer poeira para criar confusão e cegar incautos».

Até aqui, a linguagem escrita do Sr. Dr. Abel.

Ora vamos lá responder a dois ameaçadores e, ao mesmo tempo, informar o Sr. Dr., que diz não saber de nada.

Houve duas ameaças: A primeira foi transmitida pelo Senhor Dr. Artur Rodrigues, que não tem qualquer responsabilidade ou convivência, e partiu dum senhor que disse chamar-se Dr. Sidónio — personagem que não conheço senão através de um artigo inserto, há tempos, no «Notícias de Melgaço», e cujo texto está de harmonia com a epígrafe: Kafka.

A ameaça era: ou retira o «Reparo à Nota da Redacção» — tinha pedido a sua publicação no referido jornal — ou é publicado um documento comprometedor para o Presidente da Câmara (o actual Presidente da Câmara é meu irmão).

Que diz a isto, Senhor Dr. Abel?

Uma pedrada? Mais que pedrada: uma chantajada. Condena? Louva? Tem que condenar, se quer fazer coro com as pessoas de bom senso.

A chantagem é uma arma desleal.

É o caso do lobo e do cordeiro.

Aqui há fel.

Com que então o Presidente da Câmara vítima dos meus actos?!

Que justiça será esta? É pior que a de funil.

O Sr. Dr. Sidónio ameaçaria o aluno Bento para obrigar o irmão Abel, por exemplo, a estudar?

Não era justo, nem pedagógico; era um procedimento anárquico.

Há dias, segundo noticiaram os jornais, terroristas brasileiros raptaram o embaixador dos Estados Unidos e ameaçaram matá-lo se as autoridades brasileiras não libertassem 15 presos políticos.

O método, Sr. Dr. Sidónio, é o mesmo: método terrorista.

Fruto do tempo.

A resposta foi negativa: Não retiro! — e positiva: Publique!

O meu «Reparo à Nota da Redacção» — nota da autoria do Sr. Dr. Abel Augusto Vaz — veio publicado no número de um de Agosto, do ano em curso, do jornal «A Voz de Melgaço».

Ora, até à data, nada.

Sr. Dr. Sidónio, estamos à espera. Nós não tememos. Como temer a publicação do que não existe?

Nem só os da «família» da «Gráfica Melgacense, L.da», têm a «alma lavada».

Cumpra! Publique o documento comprometedor.

Contudo, tenha cautela, não descorregue. As descorregadelas podem ser perigosas; Não leve nada pelo conselho, que, aliás, não pediu.

Fim do 1.º acto.
Dias depois veio segunda ameaça.

Não queria acreditar. Seria possível?

Mas, Senhor Sargento Joaquim António Marques é pessoa que não mente.

Tive que aceitar, entre surpresa e atônito, o facto consumado: a ameaça, a segunda ameaça.

Não a esperava. Nunca supus que, do Sr. Abade de Fiães, Reverendo P.º Manuel Lourenço, íntimo amigo da família durante mais de vinte anos, pudesse partir, também, uma ameaça. Mas era verdade, infelizmente.

O Sr. Abade de Fiães ameaçava!...

E que ameaça!... Ameaça ou ultimatum?

Uma, a primeira, atingia um membro: o meu irmão; esta atinge a família.

O Sr. Abade é mais «generoso»!...

A resposta foi igual à primeira: que não retirava o «Reparo à N. da R.» e publicasse as «coisas contra a família».

Que outra resposta digna podia dar? Que outra atitude nobre podia tomar?

Digam lá, senhores?

Retirar o «Reparo à N. da R.» era uma humilhação sem proveito, uma cobardia sem nome, uma confissão forçada de faltas que não existem.

Quando os ameaçadores quisessem calar-me, apontavam para o «documento comprometedor» ou para as «coisas contra a família». Ficava sob tutela. E com que tutores!...

Estava bem servido!...

Ao que queriam sujeitar-me os dois «amigalhões»!...

Reagi com dignidade, e publiquei o «Reparo». Tinha que ser publicado.

Agora damos a palavra aos ameaçadores.

De passagem: Foi o sr. Abade de Fiães quem quebrou os laços de amizade que o uniam à minha família.

Sr. dr. Abel, porque aparecem em cena estas duas personagens, o sr. Dr. Sidónio e o sr. Abade de Fiães?

O «Reparo» era «à Nota de Redacção» e esta é da autoria do sr. dr. Abel.

Donde o interesse destes dois senhores?

Ameaçaram porque tinham interesse, e grande. O interesse não era pessoal, pois ambos são estranhos ao assunto.

Só tinham interesse na medida em que estavam ligados ao sr. dr. Abel e ao seu excellentíssimo «cliente».

Logo, o interesse, era interesse de grupo, por estarem ligados à «família» do jornal.

Parece que o raciocínio não deixa a lógica à dependura. Concorde?

E, sendo assim, não se compreende, ou dificilmente se compreende, que o chefe do grupo, que é o sr. dr. Abel, director interino do jornal, não soubesse de nada.

Tresmalharão do grupo? Ou queriam fazer-lhe uma surpresa?

Houve duas ameaças e não teve conhecimento de nenhuma!...

Sr. dr. Abel: indiquei nomes para averiguar, se quiser.

Como vê, não houve o propósito de «erguer poeira para criar confusão ou cegar incautos», mas a preocupação da verdade, que não tememos.

Antes de terminar permitam-me uma pergunta: quais são as outras asserções «que no mesmo jornal se reproduzem» e «se limitam a erguer poeira para criar confusão ou cegar incautos»?

Desde já agradeço a gentileza da resposta.

1.º P. S. — Rectificarei, com muito gosto, qualquer falta de fidelidade na transmissão ou percepção dos «recados», se a houver, e, conseqüentemente, porei de harmonia as frases que ficarem em desacordo.

2.º P. S. — Há um articulista no «Notícias de Melgaço» que me censura por não assinar *Padre*. *Padre* indica missão: não é nome. Vergonhoso é publicar escritos anónimos, por assim ser mais fácil e cómodo atirar pedradas, ou então arranjar um *testa de ferro*.

3.º P. S. — Sr. dr. Abel: já sabe o significado da palavra *troco*?

Enquanto o não conhecer não chegamos a acordo quanto ao «caso» dos 500\$00.

ANTÓNIO RODRIGUES

A carta do sr. A. A. V. "sem rancor",

A fim de que os nossos leitores possam conhecer a carta do sr. A. A. V., que publicámos em 15-VIII, só na parte em que a lei de imprensa se lhe applicava, como *alias ele pediu*, remetemo-lo para o colega local de 25-VIII, onde a encontrará.

Se viesse publicada na *integral*, e não «truncada», veria o leitor que o sr. A. A. V. nos pediu a propaganda da sua pessoa, pagando essa publicidade, mas só na parte em que excedesse o que o sr. P.º An-

tónio escrevera e nós escreveríamos em N. R.

Porque era propaganda pedida e reclamada pelo interessado não lha fizemos, nem mesmo pagando-nos.

O mesmo se diga do P. S. a junto à dita carta. Dada a mesquinhez e ridículo da desculpa apresentada e a falsidade da afirmação — como pode verificar-se nesta mesma página — deixamos que o próprio leitor emita o seu juízo de valor.

O Senhor Presidente do Conselho falou sobre o próximo acto eleitoral

Tem sido feito um grande esforço nos últimos anos, que não pode negar-se, sobretudo graças aos sucessivos planos de fomento: havemos de continuar com o maior vigor possível o que foi bem começado, de procurar corrigir aquilo que não esteja a resultar, e de lançar as novas iniciativas que sejam necessárias. E tudo quando honestamente se pode prometer.

O que há de mau não é a oposição mas o espírito de oposição

Na campanha eleitoral que vai abrir-se depois de admitidas as listas com os candidatos a deputados, já sabemos que, conforme a praxe, os adversários do Governo ou do regime dirão muito mal de tudo e de todos, levantando, a propósito de quantos problemas possam ser versados, ondas de poeira e vagas de confusão.

Na política dos partidos o que há de mau não é a oposição, mas o es-

pírito sistemático de oposição. Oposição no sentido de comentário, de crítica, de objecção às medidas governativas, existe sempre, em todos os regimes, mais ou menos ostensiva, e não tem faltado entre nós. Tal oposição pode ser salutar na medida em que obrigue a ponderar, a reflectir, a medir bem as conseqüências das decisões a tomar.

Mas o espírito de oposição (muito semelhante ao que hoje se chama «contestação») é outra coisa, porque consiste em deprimir por princípio os homens que não são da nossa banda e em condenar violentamente por sistema os actos que não fomos nós a praticar.

«A intolerância ideológica»

Já há bons 80 anos o nosso grande Eça de Queirós, numa carta da Correspondência de Fradique Mendes, descrevia esse estado de espírito de intolerância.

(Continua na 3.a página)

"COMENTANDO"

O senhor «nós sabemos»... resolveu meter-se comigo no número de 25 de Agosto último do colega local. Esse senhor, com quem eu me não meti, é o sr. prof. José Augusto Lourenço. Não sei se será o mesmo que, sob a mesma epígrafe, escreveu o que seria o auto-elogio do discurso lido na posse do Vice-presidente da Câmara de Melgaço. Não seria pensar mal pois que, no número anterior escreveria o auto-elogio e, no imediato, a autobiografia, não se sabe a que propósito. Escreveu também parte da minha biografia. Nada de grave, graças a Deus. Tenho, todavia, de vir a público, para discordar dele em 3 aspectos:

1.º — Que me envergonho de ser padre, já que não assino os meus escritos como padre. — Ainda bem que fez tal acusação porque, desse modo, permitiu que eu conhecesse o estófo moral e cívico dele e do seu acólito e Conservador do Registo Civil, sr. dr. Abel Augusto Vaz. Ambos me acusam de não assinar como padre, e um e outro se dispensam de assinar os seus escritos, respectivamente como professor e licenciado que julgamos serem.

2.º — Sem ninguém ter pedido o conselho, diz para eu me não meter em política, pois sou muito novo e a política não é o que parece à primeira vista.

3.º — Tem razão, até como se pode verificar pela obra realizada por V. Ex.ª. Lamento, todavia, que confunda verdadeira política — da qual falam

ambos: ou precipitado, ou irreflectido, ou sob mando doutrem.

Eles sabem bem que não se deve assinar como tal. Se, apesar disso, me acusam é porque, mais uma vez, sem motivo algum, querem continuar na campanha de falsas acusações, sabendo bem que as mesmas são falsas.

Poderão V. Ex.ªs indicar-nos que jornais e revistas de renome, dirigidos por Padres, têm nos cabeçalhos tal denominação antecedendo os respectivos nomes?

Como assinam V. Ex.ªs os próprios escritos?

Será também que têm vergonha da profissão que exercem? O sr. prof. Lourenço parece que sim, pois, ao que diz, desejava ser médico e não o pôde ser. E graças a Deus que o não foi, para bem dos doentes e da saúde pública... Quanto ao sr. dr. A. A. Vaz parece não ser suficientemente conhecido como tal, atendendo aos processos de que tem lançado mão para fazer propaganda de si e da sua actividade.

2.º — Sem ninguém ter pedido o conselho, diz para eu me não meter em política, pois sou muito novo e a política não é o que parece à primeira vista.

3.º — Sem ninguém ter pedido o conselho, diz para eu me não meter em política, pois sou muito novo e a política não é o que parece à primeira vista.

já os grandes mestres da anti-guidade e os próprios papas, como de um dever — e político local, da qual só falam os que não têm que fazer, ou lhes falta arco-boço para a verdadeira. Bem prega frei Tomás... Senhor Prof...

Quereria V. Ex.ª levar-me a cortar com os amigos, provocando a desunião entre os verdadeiros nacionalistas, convencendo-me de que seria essa a melhor forma de fazer patriotismo?

Quereria que eu discutisse uma acção administrativa séria, honesta, prudente, grandemente operosa e o resto que não sei dizer, mas que V. Ex.ª disse aquando da homenagem de há dois anos ao Sr. Presidente, tecendo-lhe o mais rasgado elogio que até hoje lhe foi feito por alguém, ultrapassando até a ladainha de todos os santos?

Quem mudou sr. prof. Lourenço? «Nós sabemos...» e todo o povo de Melgaço o sabe e, (a) dia, mais claramente, pois que V. Ex.ª assim o tem demonstrado.

Quereria que eu o acompanhasse na preparação de um clima que influenciasse o julgamento de um processo contra um médico do hospital que aguarda sentença? Nem como homem, nem como cristão, o podia fazer. A justiça é sagrada e exige todo o respeito.

(Continua na página 7)